

O PROFESSOR DE PARASITOLOGIA

Manoel Jaime Xavier Filho

Acadêmico Titular da APMED - Cadeira nº 26

De longa data na faculdade de medicina, o professor titular costumava, a cada semestre, encerrar o curso de parasitologia homenageando um eminente parasitologista, brasileiro ou não, que em vida se consagrou a essa área do conhecimento. Essa prática já havia se transformado em uma tradição e era muito prestigiada pelo alunado.

O professor, de aparência frágil e simpático, mas sem desvencilhar-se da formalidade, fazia-se portador de um certo charme por todos reconhecido. Sabia-se, era um grande leitor, interessando-se por vários temas, um polímata, para quem o conhecia na intimidade. Numa conversa informal, era um prazer ouvi-lo, até porque falava pouco e na hora certa, com ideias claras, precisas e irrefutáveis. E nisso, sem nenhuma petulância, ao contrário, quase pedia consentimento para emitir sua opinião. Ao consumir vinho, outro dos seus hábitos, o fazia de maneira tão devagar, que em uma ocasião, um dos circunjacentes o censurou, dizendo: - beba mais rápido, amigo, parece que não está gostando do vinho! - Como resposta esboçou um sorriso e meneou a cabeça, demonstrando tolerância à observação irrefletida daquele que ali se encontrava.

Mas não é esse o enfoque reservado a esse escrito, e sim, comentar a aula acontecida no final de mais um período letivo, com o objetivo de homenagear a memória do cientista brasileiro Carlos Chagas, e deter-se em alguns aspectos da doença por ele descoberta.

Precedendo à aula expositiva, no laboratório, os alunos supervisionados por dois assistentes do professor tiveram a oportunidade de conhecer exemplares do inseto triatomíneo, vetor da doença, conhecido popularmente como “barbeiro”, mantidos no laboratório e utilizados para a realização de testes diagnósticos.

Também, observaram ao microscópio as formas tripomastigotas do protozoário, encontradas no sangue periférico de acometidos pela doença, apresentando-se com o corpo alongado e fino, dotado de um flagelo livre.

Conheceram ainda a forma amastigota como os protozoários adquirem um formato redondo ou oval, sem o flagelo livre e se localizam no interior das células. *Slides* reproduziam imagens radiográficas de megaesôfago e megacólon de origem chagásica, com os devidos comentários interpretativos. A finalidade era apenas ilustrativa e motivacional, uma vez que a Doença de Chagas só seria estudada mais adiante, na disciplina de infectologia.

Concluída a experiência no laboratório, houve um intervalo e, então, teve início a preleção do professor.

Saudou os presentes com cordialidade e iniciou sua fala mais ou menos nesses termos:

- Hoje vamos reverenciar a memória do inescurecível cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934). Desde criança e adolescência, demonstrava inclinação e aptidões para as ciências naturais, sendo a opção pela medicina uma consequência esperada. Aos 18 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a mais prestigiada do país, à época. Durante a graduação, sobressaiu-se como um aluno aplicado e brilhante. Teve a chance de conhecer Oswaldo Cruz, outro dos mais consagrados cientistas brasileiros, recém-chegado da França, onde tinha concluído sua sólida formação no *Institut Pasteur*. Oswaldo Cruz, reconhecendo o talento de Carlos Chagas, acolheu-o posteriormente como pesquisador do Instituto Sorológico, em Manguinhos (RJ), criado e dirigido por ele, e atualmente designado Instituto Oswaldo Cruz. Um encontro feliz e fecundo entre o mestre e o discípulo.

Carlos Chagas esteve na Amazônia enfrentando e combatendo a malária e participou das memoráveis campanhas sanitárias, lideradas pelo seu mentor no Rio de Janeiro, com a intenção de erradicar a febre amarela, peste bubônica e varíola.

Sua façanha maior estava ainda por vir, quando descobriu a doença que receberia o seu nome. E o fez com méritos adicionais e singulares na medicina universal, porque descreveu sozinho o quadro clínico, agente etiológico, vetor e reservatório.

Com o falecimento do mestre em 1917, Carlos Chagas assumiu a direção do Instituto, projetando-o ainda mais no cenário internacional na área da pesquisa científica.

Outras informações foram relatadas, sempre acompanhadas de ilustrações pertinentes através de imagens. Enfim, uma aula memorável, bela e inolvidável.

Registre-se que, ao término da exposição, houve uma interrupção no fornecimento de energia elétrica, e de imediato, os estudantes acenderam as lanternas dos seus celulares e a aula pôde ser concluída. Não demorou muito tempo, o blecaute cessou e as luzes voltaram a acender. O professor agradeceu a gentileza dos discípulos e, quase se desculpando, pediu mais um tempinho para externar o que, naquele instante, se passara em sua mente ao vivenciar o apagão.

- Vocês me fizeram lembrar o titã Prometeu, um personagem da mitologia grega, muito inteligente e astucioso, considerado um benfeitor da humanidade. Em uma ocasião, Zeus foi por ele enganado durante um banquete, quando dividiu um boi em duas partes. Na primeira metade, colocou a carne e entranhas cobertas com pele; na outra porção, os ossos recobertos com banha. Respeitosamente, dirigindo-se a Zeus, pediu que escolhesse a sua parte preferida, caberia aos humanos a porção rejeitada. Zeus optou obviamente pelo quinhão engordurado, abaixo do qual só havia ossos descarnados. Zeus, vendo-se enganado, e tomado pela ira, puniu os mortais protegidos por Prometeu, privando-os do fogo que propiciava a cocção de alimentos, luz na escuridão, aquecimento nas noites e dias frios, a confecção de instrumentos destinados à agricultura a partir de metais, além da fabricação de armas e muitos outros benefícios.

Mas o apreço de Prometeu à humanidade era inquestionável, e assim, sem hesitação, dirigiu-se ao Olimpo, morada dos deuses, roubou algumas sementes de fogo e levou-as para os humanos. Há outras versões reservadas a esse episódio envolvendo Zeus, Prometeu e a raça humana.

Zeus não se conteve com tamanho atrevimento e, como vingança, Prometeu foi preso a uma rocha no Cáucaso por grilhões de aço, e diariamente uma águia, filha de Equidna e Tífon, lhe devorava parte do seu fígado, que se regenerava à noite para o recomeço do suplício no dia seguinte. E mais: Zeus, de tão raivoso, jurou jamais libertar o seu desafeto.

Aconteceu de Hércules, o grande herói, aquele que cumpriu o ciclo dos Doze Trabalhos, passar pelo local do padecimento de Prometeu e, com sua flexa certa, abateu a águia, libertando Prometeu da sua penitência eterna.

Nesse contexto envolvendo Zeus, Prometeu e os mortais, caberia também referir-se especificamente à Pandora, mas ficará para outra oportunidade.

O importante é que vocês, à semelhança de Prometeu, devolveram a luz - ou o fogo -, ao ambiente escuro da sala de aula, através das lanternas dos seus *smartphones*, permitindo o término da minha exposição. Registro aqui os meus agradecimentos.

Confirmava-se o que já se sabia, ali estava um professor compromissado com a docência, cientificamente preparado, singelo e tendo a cultura geral como embasamento.

Referência:

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.